

430

DEPÓSITO LEGAL
ABR 1942

MUNDO GRÁFICO



Cântico
em flôr
da
Primavera
no seu símbolo
eterno
de mocidade



B. B. C.

**A Voz de Londres fala
e o Mundo acredita**

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

Sumário.

SOCORROS BRITANICOS A PORTUGAL EM 1811, de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

CHANG-KAI-CHEK, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

PERSPECTIVAS DE PRIMAVERA

OS PARAQUEDISTAS CONQUISTARÃO A EUROPA

NAVIO A VISTA!

O MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS FALA AO «MUNDO GRAFICO»

IMAGENS DA INGLATERRA

LISBOA NÃO TEM SÊDE

AS «FORMIGAS» DO MAR, de J. B.

FRENTE DA VITÓRIA!

A R. A. F. DOMINA OS MARES

CAMPANHA DA RÚSSIA, por Carlos Ferrão

ÚLTIMAS TRANÇAS

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

COMO SE VIVE NUMA ALDEIA PORTUGUESA

PERANTE A HISTÓRIA

DOIS HERÓIS

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

VULTOS DA VELHA INGLATERRA

PARECE NOVELA, de Júlio Lamir

OS LIVROS DA QUINZENA

CINEMA, de António Lourenço



No Supremo Tribunal de Justiça realizou-se, agora, o apuramento final da nova eleição do sr. general Carmona para a Presidência da República. Eis o venerando Chefe do Estado, em 1939, quando visitou a África do Sul

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogasias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Quando sofrer de INDIGESTÕES



É sujeito, a indigestões? Este sofrimento não esperará a sua chegada a casa para se fazer sentir. Vem de repente — depois de comer, na rua, no cinema, no teatro.

Precisa pois das Pastilhas Rennie. Basta dissolver, duas pastilhas Rennie, na boca, para a dor desaparecer em 80 segundos. Não carece de água para as tomar. A saliva servirá de veículo aos seus componentes, que conservarão toda a sua actividade até chegarem ao estômago.

Rennie actua de três maneiras diferentes. Contém anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Todas as farmácias as vendem.

Socorros britânicos a Portugal em 1811

de Rocha Martins

EM 31 de Agosto de 1811, a comissão encarregada de distribuir os donativos britânicos em Portugal era composta por Ricardo Raimundo Nogueira, Henrique Teixeira de Sampaio, que seria conde da Póvoa; sr. Charles Stuart e John Bell.

O Parlamento Inglês votara a quantia destinada ao «socorro das Terras de Portugal devastadas pelo inimigo». Os comissionados escreviam no seu relatório:

«Que sendo a soma de cem mil libras esterlinas (888.888,8 cruzados) votada pelo Parlamento Britânico um Donativo muito amplo e em tudo correspondente à generalidade com que aquela Grande Nação, e o seu Governo, têm auxiliado e auxiliam este Reino pertence à comissão regular a distribuição da alta soma de maneira que dela tirem proveito os povos devastados na maior utilidade possível».

Os franceses de Massena tinham praticado autênticas atrocidades desde os incêndios de povoações aos saques implacáveis mas estavam ainda a reparar os destroços das invasões de Soult e de Junot.

Tratava-se de aplicar aquela quantia, na realidade importante, de forma não só a indemnizar, na medida do possível, os danos sofridos mas também a preparar o futuro. Deste modo a comissão mandava distribuir gêneros mas não esquecia que era preciso cultivar as terras. Adquiria: «bois, vacas e sementes»; destinava algum dinheiro a premiar para os que construissem carros novos dentro de certo tempo; instrumentos de agricultura e pipas e também à assistência de doentes; criação dos órfãos; madeira para reparo das casas e pano para vestuários.»

Mandava-se o desembargador João Gaudêncio Torres, com o inglês João Croft, «visitar as terras devastadas e fazer nelas a distribuição de gados e sementes; estabelecer as providências destinadas para a assistência de doentes e para a requisição e entrega de drogas medicinais e roupas dos enfermos que serão enviadas ao depósito de Lisboa. Já se solicitavam dos magistrados locais a relação dos órfãos que seriam imediatamente, socorridos mediante as informações das autoridades.

Fôra de tal maneira feroz o destroço dos invasores que o bispo de Elvas D. José Joaquim da Cunha Azevedo Coutinho, dirigia uma carta ao Lord Visconde Wellington, na qual expressava a sua gratidão e dos seus fieis. Dizia:

«V. Excelência arrancou Portugal das garras do monstro que se propunha devorá-lo. Eu sou português e uma grande Parte de Portugal é de meus filhos em Jesus Cristo. Que maior motivo para a confissão pública do meu agradecimento para com V. Excelência? A maior glória do general não consiste na simples vitória, esta é muitas vezes devida a fraqueza, à falta, ou à ignorância do vencido ou às intrigas ou à perfídia do vencedor; as oratórias de V. Excelência tem sido o resultado das mais sábias combinações contra soldados que se diziam invencíveis, contra generais que se diriam os primeiros do Mundo.»

Ansiava também ao general britânico a pastoral em que o exaltava e não escondia o seu louvor pelo benigno procedimento de que dera as suas exuberantes provas; «no meio dos combates e talvez quando as circunstâncias farçavam o seu coração a esquecer-se desta virtude sensível, é que, então V. Excelência se mostra dela penetrado para conseguir da grande Nação bemfeitora o socorro para tantos desgraçados vítimas das ferocidades dos Bárbaros, novos e irregulares na sua espécie.»

Evocando Henrique IV, ao obrigar para render-se pela fome, mas consentindo que alguns desgraçados colhessem espigas junto aos muros da cidade, concluiu:

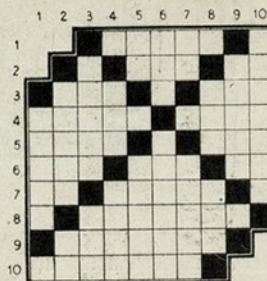
«Henrique foi grande e humano à francesa; V. Ex.^a é e será sempre grande à inglesa.»

Estabelecera-se tudo com o maior método; portugueses e ingleses aliados na ressaca da guerra, como tinham sido no mais acedo da luta, não consideravam de lado a lado, paga os auxílios que se enviavam de Londres nem os sacrificios feitos por Portugal. Cumpriam-se cláusulas de Aliança secular.

Quem daria vulto ao esforço da Península, «à ligação dos povos ibéricos com a Inglaterra contra a França seria o próprio Napoleão ao declarar em Santa Helena:

«Esta combinação perdeu-me. Tôdas as circunstâncias dos meus desastres se vão ligar a êsse nó fatal. Destruí a minha moralidade na Europa, conquistou os meus embaixadores, abriu uma escola aos soldados ingleses. Formei o exército inglês na Península.»

E era assim.



PROBLEMA N.º 35

HORIZONTAIS

- 1 — Ganha.
- 2 — Pronome possessivo — Entre nós.
- 3 — Desgraça — Acolá.
- 4 — Importante — APELIDO DO MINISTRO DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS.
- 5 — Líquido untuoso e inflamável — Açora.
- 6 — Únicos — Santa (abrev.) — Letra grega (inv.).
- 7 — Caminhava — Espécie de boné.
- 8 — APELIDO DO REPRESENTANTE E DELEGADO ESPECIAL DO PRESIDENTE ROOSEVELT NO PRÓXIMO ORIENTE.
- 9 — Moitão pequeno.
- 10 — Propalara.

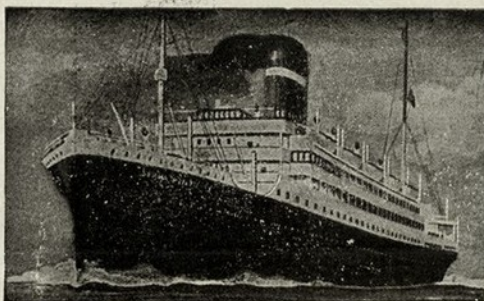
VERTICAIS

- 1 — Indivíduo extremamente parecido com outro.
- 2 — Melão pequeno e arredondado — Parte do navio.
- 3 — Fluxos e refluxos das águas do mar — Virtuoso.
- 4 — Atilho — Vasilha para serviço de chá.
- 5 — Pertences — Substância metálica e fusível para unir peças também metálicas.
- 6 — Desprotegida — Aprimorar.
- 7 — Aqui — Anilha côncava.
- 8 — Lapso de tempo — Liga.
- 9 — Corpo simples e gazoso de cor amarela esverdeada.
- 10 — Descera.



Solução do Problema N.º 34

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

- «Serpa Pinto» 8.267 T.
- «Mouzinho» 8.374 »
- «Colonial» 8.309 »
- «João Belo» 7.540 »
- «Guiné» 3.200 »

VAPORES DE CARGA

- «Pungue» 6.290 T.
- «Malange» 5.050 »
- «Lobito» 4.200 »
- «Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051
PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

REFLEXOS DO MUNDO

A defesa passiva norte-americana



Os Estados Unidos acabam de aperfeiçoar e ampliar o sistema de defesa passiva da capital da Gran-Bretanha. Organizaram um verdadeiro exército: 10.000 indivíduos encarregados de referenciar os locais atingidos por hipotéticos ataques aéreos; 100.000 bombeiros; 28.000 chefes de posto; 300.000 soldados de Defesa Passiva Contra Aeronaves com material aperfeiçoadíssimo.

Tal é a preparação da defesa anti-aérea da cidade de Nova-York.

Músico à força...

O dr. José Pontes — o Zé Pontes do Comité Olímpico — fez parte, em 1917, de uma missão portuguesa que assistiu em Paris, aos trabalhos da Conferência Inter-aliada para o estudo das questões que interessavam aos inválidos da guerra.

A missão do nosso país chegou à última hora — no próprio dia e no momento da abertura dos trabalhos.

Grande embaço do presidente da comissão de recepção, porque a banda da Guarda Nacional, encarregada de executar

os hinos das nações representadas, não tinha a música da «Portuguesa», tanto mais que já não se esperava a representação do nosso país.

José Pontes não se atrapalha. Pede a presença do maestro e interroga:

— O maestro sabe música?
— ?!...
— Perdão; escreve música rapidamente?
— !...
— Então pegue num lápis e num papel e escreva o que lhe vou ditar.

E, perante o espanto dos circunstantes, assobiou o hino nacional enquanto o chefe da banda da Guarda Nacional de Paris escrevia, vertiginosamente, numa pauta improvisada, as notas e os compassos da «Portuguesa».

Morrer mas vencer

Foi o capitão-tenente Esmonde, quem comandou a esquadilha de «Swordfish»,

que atacou os navios alemães que saíram de Brest. Tornara-se conhecido quando do afundamento do couraçado alemão «Bismarck».

A título póstumo foi-lhe conferida a «Victoria Cross» com



esta citação deversos honrosa.

«O capitão-tenente Esmonde sabia que a empresa era desesperada. A sua esquadilha, ao fim de 10 minutos de vôo era atacada por uma formação de caças inimigos. Embora tivesse perdido a ligação com os caças, calma e resolutamente, prosseguiu o vôo, indo ao encontro do fogo das unidades inimigas. O seu aparelho foi atingido numa asa. Heróicamente, conduziu a esquadilha até a colocar em boa posição para o ataque. Foi abatido, mas a esquadilha prosseguiu o combate e, pelo menos um dos seus torpedos atingiu um dos couraçados alemães. A sua coragem e decisão notáveis hão-de ficar sempre vivas nas tradições da Armada Real.»

Uma citação que vale um monumento!

A fome na Europa

O distinto jornalista Correia Marques publicou, há dias em «A Voz», um curioso artigo intitulado «A fome na Europa», do qual recortamos os seguintes trechos:

Na Bélgica a deficiência de géneros alimentícios essenciais é de 60% para os adultos e adolescentes e de 50% para as mulheres grávidas. Um gato, que se poderá comprar no «mercado negro», custa 100 a 125 francos. A carne de cão custa cerca de



EM MARCHA!

100 francos o quilo. Na Polónia o pão custa o equivalente a 50\$00 escudos o quilo. Um quilo de toucinho vende-se pelo equivalente a 250\$00 escudos e uma couve regular não se encontra por menos de 15\$00. Desemprego, aviltamento incrível de salários, impossibilidade de trabalhar por falta de matérias primas, causam nesse país uma fome incrível. O povo vê-se obrigado a comer cascas de árvores e peles de animais mortos. E pensar que a Polónia foi perfeitamente auto-suficiente antes de Setembro de 1939, possuía, em 1938 10.500.000 cabeças de gado bovino, 8.500.000 carneiros e 7.500.000 suínos!

fecham, não com o tradicional atacante, mas com um fecho «clair». Afirma-se que o Primeiro Ministro adoptou tal sistema por mera questão de economia de tempo. Churchill, porém, limita-se a sorrir perante todos os comentários mais ou menos graciosos. Aliás, ele adora tudo quanto sai fora da vulgaridade — desde o seu conhecido chapéu, suprema felicidade dos caricaturistas.

Não são estas, porém, os únicos originalidades de Churchill.

Churchill artista

Há alguns anos, também os críticos de arte, por ocasião de uma exposição de pintura, fizeram grandes elogios aos quadros de um certo Claude Morin. Soube-se, mais tarde, que o tal Claude Morin não era senão Churchill que, por sinal, vendeu a maioria dos trabalhos expostos.

Ele guarda, porém, a maioria dos seus quadros, disputados a preço de ouro pelos amadores de arte de todo o mundo.

As botas de Churchill

Os jornais londrinos não se esqueceram de comentar uma recente inovação de Churchill, surpreendida numa fotografia em que aparece o Primeiro Ministro com os membros do seu gabinete.

Trata-se de umas botas que



CREMES

PARA DE DIA E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35 / TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS



CHANG-KAI-CHEK

HA quatro anos e meio que a China luta pela liberdade e pela independência. A expressão mais alta dessa luta, conduzida sem desfalecimentos, contra um inimigo superior em preparação militar e em armamentos, é o marechal Chang-Kai-Chek. Desde o primeiro ano que a sua inteligência, a sua experiência e a sua actividade foram incondicionalmente postas ao serviço da causa nacional. O mundo conhece e admira os resultados dessa obra de devoção cívica, de patriotismo e de confiança inabalável na causa da nação chinesa.

Chang-Kai-Chek é, simultaneamente, Presidente da República da China e marechal dos seus exércitos. Estudou na Academia militar de Tóquio e tomou uma parte activa no movimento de libertação iniciado e levado a cabo pelo grande patriota e chefe nacionalista chinês, dr. Sun-Yat-Sen. Quando este último faleceu, Chang-Kai-Chek tinha justamente conquistado a reputação de chefe militar sabedor e valente, reputação alcançada com a reorganização das forças militares chinesas e confirmada nos campos de batalha.

Mudou a capital do país de Pequim para Nanquim. Sucessivamente designado para presidir ao Conselho de Estado e escolhido para ocupar a mais alta magistratura da nação, soube honrar no desempenho destas delicadas missões a confiança que nele depositaram os seus compatriotas. Dominou a revolução comunista de 1926 e pôs-se à frente do movimento de recurso nacional contra as agressões sucessivas do Japão, primeiro em 1931 e depois em 1937. Durante a actual campanha sino-japonesa tem, ao mesmo tempo, demonstrado os seus altos dotes de chefe militar e o seu fino tacto de chefe político. Auxiliado por sua esposa, uma das mais ilustres figuras da famosa família Soong, tem sido ele a alma da resistência patriótica chinesa. A sua recente viagem à Índia e as entrevistas que ali realizou marcam uma data decisiva no esforço da conflagração em que se envolveram os principais países.

O Império inglês na guerra

AO fim de dois anos e meio de hostilidades começa a ver-se, com certa clareza, no horizonte internacional. O panorama da guerra desenha-se com uma nitidez impressionante. Se é arriscado fazer profecias, parece-nos legítimo estabelecer um cálculo fundamentado de probabilidades. Passado o período das experiências e das incertezas, os povos que se batem no maior prélio que a história regista sabem o que querem, conhecem o caminho que percorrem, têm a noção exacta dos objectivos que se propõem alcançar.

O Império britânico entrou na luta desde a primeira hora. Não tinha interesses próprios a acautelar; não visava fins egoístas. Declarou logo que nenhuma ambição territorial o animava e que nenhum propósito oculto o impelia. As razões que levavam a Gran-Bretanha a abandonar a calma e a paz que são para os seus filhos uma regra de vida, eram claras e inequívocas.

Comprometera a sua palavra e queria executar o compromisso. Defendera sempre o princípio de que as divergências entre nações devem liquidar-se por métodos pacíficos, e desejava conservar-se fiel a essa tradição. Pensava que a agressão só semeia desgraça e prejuízos e entendia que não era legítimo afastar-se dessa linha de conduta. Através de tudo proclamara que a cooperação internacional está na base da felicidade e do progresso humano e aspirava a realizar, praticamente, os princípios fundamentais da paz e da segurança colectiva.

Os seus inimigos falavam de territórios que pretendiam conquistar ou cuja posse reivindicavam enquanto a Gran-Bretanha expunha os planos duma distribuição equitativa dos bens dos recursos da terra. Os homens do Estado responsáveis pelo seu destino afirmavam que estavam dispostos a todas as combinações e a todos os compromissos desde que estes fossem compatíveis com a honra nacional e desde que nenhum país apellesse para as armas. Apesar disso, a guerra estalou.

Quanto tempo vai ela durar ainda? Sabe-se apenas que nenhuma das grandes potências mundiais escapou à fatalidade do conflito. Este tomou tais proporções que o mundo se dividiu irremediavelmente e que nenhum entendimento é já possível entre nações que se batem pela sua própria existência e pela liberdade dos seus filhos. A Gran-Bretanha, em determinada altura, viu-se isolada, dispondo apenas do concurso dos seus soldados, dos seus marinheiros, dos seus aviadores. O tempo encarregou-se de justificar a precisão dos seus dirigentes políticos e a tenacidade dos seus chefes militares. O exemplo da resistência britânica frutificou. Hoje está constituída a coligação mais poderosa de todos os tempos na qual com o Império britânico, se encontram associados os Estados Unidos, a U. R. S. S., a China, os países Centro e Sul-americanos. Apesar das tropas do Reich ocuparem uma parte do continente europeu, os governos dos países continentais que têm a sua sede em Londres proclamaram a sua solidariedade com a causa britânica. Estamos na presença dum movimento avassalador da opinião mundial que nenhum contratempo episódico diminui ou perturba.

Ao fim de dois anos e meio de luta, quatro quintas partes da espécie humana reuniram os seus esforços para conseguir uma decisão que se harmonize com os princípios eternos de justiça entre os povos e da independência de cada um deles. Verificando este facto transcendente, é legítimo reconhecer que as alternativas da batalha pouco são perante as realidades inventíveis que ela criou. Entre os princípios que se afrontam a humanidade fez uma escolha, a escolha que se identifica com a sua tradição e com o seu destino.

○ OBSERVADOR

Os Estados Unidos estão estabelecendo duas grandes frentes. A primeira é na Austrália, onde deve já ter chegado uma gigantesca expedição, constituída por algumas centenas de milhar de homens e guardada por uma imponente frota naval. A segunda é na Inglaterra, ao lado das forças imperiais, cujos efectivos se desconhecem, mas cujos ob-



jectivos, determinados pelo tempo, são bem claros na sua ameaça em potência. Temos a impressão que este ano será

decisivo, na Europa, para a marcha de guerra. A Alemanha vai lançar-se na luta, com todas as suas forças, e jogando assim a sua última cartada. O recente discurso de Goebbels, em que há passagens, onde se denotam graves preocupações, é até certo ponto elucidativo. Um jornal suíço, «Gazette de Lausanne», em correspondência de Berlim, naturalmente filtrada, revela que muitos operários das fábricas de guerra alemãs têm sido mobilizados, e que se passará a exigir a dois homens o trabalho que até aqui era feito por três. Se a campanha que o Reich vai iniciar é sustida como a de 1941, em frente de Moscovo e de Leninegrado, o inverno russo terá incalculáveis repercursões na Europa central, e não será a demissão de outro general Brauschitech, que resolverá o problema. A hipótese duma penetração no Cáucaso é também de considerar, mas o terreno excepcionalmente montanhoso e sem vias fáceis de comunicação, é bastante duro para operações de conjunto. Foi isto exactamente o que sucedeu na outra guerra. Resta o Pacífico. A Inglaterra e os Estados Unidos, tendo, como bases a Austrália e as Filipinas, percorrerão o caminho dos japoneses, mas em sentido inverso.

Rogélio Marques Cardoso

É com dolorosa emoção que registamos a morte de Rogélio Marques Cardoso, secretário do adido de Imprensa da Embaixada britânica sr. M. N. F. Stewart. Figura simpática, duma viva inteligência, dotado de primorosas qualidades de carácter, Rogélio Marques Cardoso conquistou entre os jornalistas portugueses e os súbditos britânicos, um lugar de distinção espiritual. A sua recordação há-de perdurar por muito tempo, com uma saúde tão sincera, como pungente.

A seu irmão, o nosso querido amigo e colaborador técnico do «Mundo Gráfico» sr. Romeu Marques Cardoso, um comovido abraço de sentidos pesames.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, Lda

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Lda, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



NA LÍBIA, O GENERAL AUCHINLECK FAZ FRENTE AO INIMIGO, REPETINDO AS FAÇANHAS DO GENERAL WAVELL

PERSPECTIVAS DE PRIMAVERA

NA Primavera de 1940 o Reich desencadeou uma violenta ofensiva contra os países ocidentais do continente europeu.

Quando a estação terminava, a aviação alemã iniciou o assalto aéreo à Gran-Bretanha que se malogrou perante a atitude heroica dos aviões de caça da R. A. F.

Na Primavera de 1941, o mesmo drama voltou a repetir-se. O cenário tinha, entretanto, mudado. Em Abril, ataque em massa contra os países balcânicos que não aceitaram a hegemonia germânica.

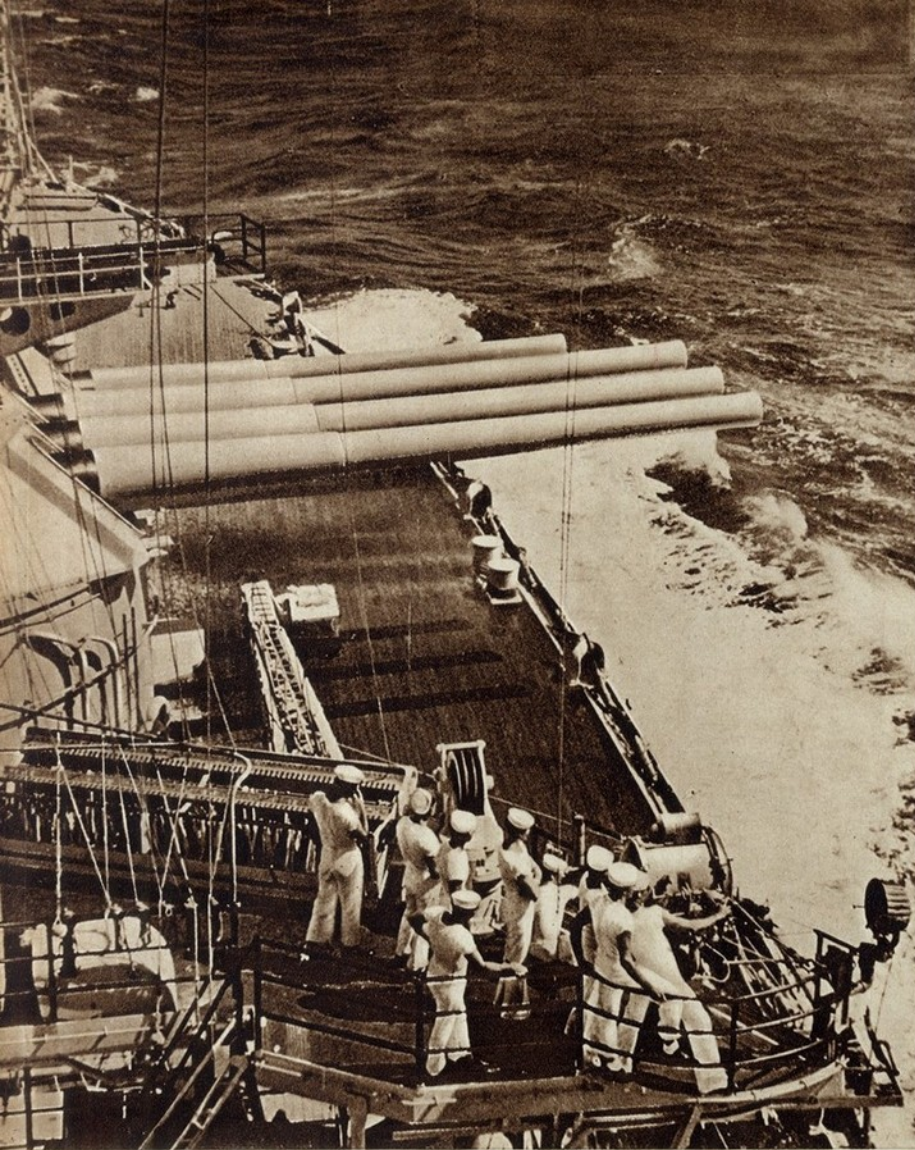
No dia 22 de Junho, quando precisamente se completava o primeiro aniversário da assinatura do armistício com a França, o exército alemão invadiu a U. R. S. S. Das duas ofensivas iniciadas na Primavera nenhuma alcançou os seus objectivos fundamentais: a primeira malogrou-se quando a Gran-Bretanha decidiu enfrentar a máquina militar do Reich com todos os seus recursos; a segunda ficou em meio, obrigando o exército ale-



Os paraquedistas descem sobre a França, ameaça de operações de maior envergadura

mão a uma penosa campanha de Inverno. O seu rescaldo pode resumir-se assim: o Reich, que fiara todos os seus cálculos sobre uma guerra de curta duração, bate-se há dois anos e meio e tem que atender, neste momento, às exigências de três frentes de batalha, no leste europeu, na costa continental do Atlântico e no Mediterrâneo e norte de A'frica. A Primavera de 1942 não trará a esse respeito surpresas essenciais. Os últimos discursos e mensagens do fuhrer e dos seus principais colaboradores anunciam uma nova ofensiva da Primavera. Onde, quando e com que elementos vai ela ser desencadeada?

Se as informações oficiais de origem alemã correspondem às intenções dos seus dirigentes, o campo de batalha está desde já escolhido — é a Rússia. Para recommençar a campanha, com que elementos contam os chefes militares do Reich? É difícil fazer conjecturas a este respeito. Uma coisa, porém, pode afirmar-se com



A América invencível. As suas forças abalarão o mundo

inteira segurança: as batalhas duríssimas que se feriram, em território russo, entre 22 de Junho e 7 de Dezembro de 1941 causaram aos dois adversários prejuízos muito sensíveis; a continuação das hostilidades, durante o Inverno, agravaram essa situação traduzindo-se por uma acção de desgaste que alemães e russos igualmente têm suportado.

Neste momento, os russos procuram diminuir o potencial humano do adversário não deixando que o ritmo das operações abrande; por seu lado, os alemães procuram actuar sobre a linha de comunicações dos russos evitando que ao território soviético cheguem as remessas de material enviadas pelos ingleses e americanos, especialmente pelos primeiros. Quando a Primavera chegar quem estará em melhores condições para desencadear a ofensiva? E quem tomará a iniciativa beneficiando da superioridade local em homens e material de guerra? O tempo não demorará muito a esclarecer estes dois pontos de evidente interesse para a evolução da guerra.

Entretanto o potencial industrial e os recursos em homens dos países anglo-saxónicos aumentam em proporções gigantescas. A Gran-Bretanha e os Estados Unidos trabalham incansavelmente. Remetendo-se em alguns dos teatros de operações a uma defensiva contínua "gastam", o adversário com a certeza de que a sua hora chegará e de que o período mais agudo da crise vai passado. O bloco de nações em que estão designados aqueles países, o qual inclui quatro quintos da população do globo e uma percentagem idêntica da sua superfície, assegurou o seu sistema de comunicações e detém a quasi totalidade das matérias primas indispensáveis à condução e à conclusão

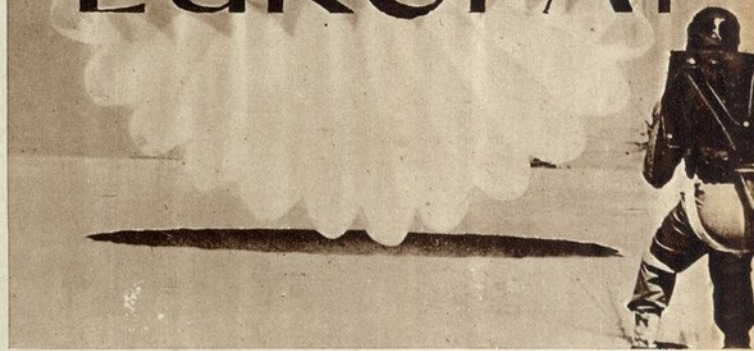
(Continua na pág. 29)



Material alemão abandonado no campo de batalha de Tula



OS PARAQUEDISTAS CONQUISTARÃO A EUROPA!



O paraquedismo é a última expressão desta guerra. A Gran-Bretanha conta já hoje com um exército de muitos milhares de homens. Eis um expressivo tipo de paraquedista britânico

Eis como viaja um exército paraquedista. De grandes aviões de transporte, eles saltam para o espaço, aterrando inesperadamente, como agora o fizeram em França, realizando as mais temerárias façanhas



Lançados no campo "inimigo", com uma expressão leonina de indomável energia, eles avançam com tal impeto que nada lhes resistirá



Os quatro sobreviventes do «Gandia» salvos pelo arrastão «João Côrte Real», a bordo daquele barco português



Durante a cerimónia no British Seamen's Club, o sr. ministro da Bélgica entrega recordações do seu acto heróico aos tripulantes do «João Côrte Real»

NAVIO À VISTA!

DO barco, do seu barco, apenas restavam sôbre as vagas furiosas, escumando raiva, destroços irreconhecíveis — e eles, que dos outros companheiros não sabiam. Eles, no seu bote frágil como madeiro perdido ao sabor das ondas. Nem água nem pão. Só mar e céu. Abismo e infinito. E eles. Nem rumo nem esperança. O inimigo invisível acertara no coração do seu «Gandia».

Vinte e quatro homens abandonados ao desconhecido implacável. Vinte e oito vezes o sol passou sôbre as suas cabeças. E o mar, sempre hediondamente enfurecido, levava-lhes já duas dezenas de almas. Os quatro sobreviventes perdiam o último alento, famintos e enregelados. E, quando o sol voltou, uma vez ainda a espreitar para além do borrão negro da nuvem imensa e ameaçadora que os perseguia implacavelmente, uma luz mais forte brilhou no horizonte como um clarão de esperança. Um grito fez calar a tempestade:

— Navio à vista!

Estavam repletas as salas do British Seamen's Club. Senhoras inglesas faziam as honras da casa, recebendo os convidados com os melhores sorrisos. A's cinco horas da tarde iniciava-se a cerimónia de recepção dos tripulantes do arrastão português «João Côrte Real» que, corajosamente, salvaram da morte, quando vinham de St. Jones para Lisboa, quatro naufragos do vapor belga «Gandia», torpedeado em 22 de Janeiro, quando navegava ao serviço da Inglaterra.

Lá estavam os quatro «ressuscitados» e os nossos desanove valentes compatriotas incluindo o comandante, o imediato e os primeiro e segundo maquinistas do «João Côrte Real», respectivamente, srs. Manuel Pereira Bela, José Gonçalves Leite, António Ferreira Chagas e José Simões Rodrigues. A todos rodeavam as individualidades mais representativas das colónias belga e inglesa de Lisboa.

Também ali se viam os srs. ministro e cônsul da Bélgica; John Balfour, ministro-conselheiro da Embaixada Britânica; e Benson, representante, entre nós, do Sheep Office.

Ao fundo da sala, em lugar de honra, a bandeira portuguesa, ladeada pelas de Inglaterra e da Bélgica, emprestava à reunião uma solenidade invulgar.

Subitamente, suspendeu-se as conversas e todos os presentes escutam, com recolhida atenção o discurso de saudação que o sr. ministro da Bélgica profere, pondo em relêvo a acção heróica e humanitária da gente do arrastão «João Côrte Real». Dois «vivas», a



O navio português chega junto da frágil baleeira em que os naufragos do «Gandia» viveram vinte e oito dias ao sabor de uma tempestade inclemente

(Continua na pág. 27)

O MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS

FALA AO MUNDO GRÁFICO

NUM sumptuoso palácio da rua do Sacramento, à Lapa, o bairro aristocrático por excelência desta linda cidade de Lisboa, está instalada a legação dos Estados Unidos da América, sendo a parte mais bela do edifício destinada a residência do sr. Bert Fish, eminente diplomata, que, entre nós, representa aquele país tão grande pela beleza das suas atitudes e pela superioridade inigualável das suas riquezas morais e materiais.

Poucos minutos bastaram para que, num elegante gabinete, nos vissemos em frente do sr. Bert Fish que nos proporcionou um acolhimento da maior simpatia, concedendo-nos algumas palavras de preciosa referência a Portugal.

Personalidade de suprema elegância moral, o sr. Bert Fish, embora guardando uma justificada reserva acerca da questão internacional, para a qual a sua poderosíssima nação foi arrastada, inesperadamente, no princípio de Dezembro último, não nos recusou, com amabilíssima delicadeza e bem evidente simpatia, permissão para que falássemos da América, incluindo nas nossas palavras, como encaixado elemento de conjunto, o Presidente Franklin Roosevelt, a quem o Mundo inteiro consagra, nesta hora terrível de lutas sangrentas, a mais extraordinária admiração.

Relembrámos, em frases rápidas, os nomes altissonantes dos primeiros pioneiros da América, entre os quais ocupam lugar fulgurante Washington e Lincoln e não pudemos deixar de citar a majestosa obra construtiva de que eles lançaram os alicerces e que está, há longos anos, a produzir os mais valiosos frutos.

Dos nossos lábios saíram, depois, algumas palavras a recordar, ainda que sem comentários, aliás desnecessários, a avalanche de material e de gêneros de toda a espécie com que a América tem auxiliado a Gran-Bretanha, numa entusiástica e firmemente comprovada comunhão de ideais, desde muito antes de, ela mesma, se ver envolvida na guerra.

Não deixa de ser oportuno repetir, aqui, as inesquecíveis palavras pronunciadas pelo Presidente Roosevelt em 1941:

O povo britânico e os seus aliados precisam de navios? Terão navios. Precisam de aviões? Terão aviões. Precisam de alimentos? A América lhes dará. Precisam de tanks, de munições, de abastecimentos de toda a espécie? A América vai fornecer-lhos.

E, numa visão fantástica do que tem sido o cumprimento integral e honradíssimo de tão assombrosa e solene promessa; semicerrando os olhos para melhor podermos dar-nos, a nós próprios, uma ainda que pálida ideia de tão maravilhosa fantasmagoria de fornecimentos de todo o género à sua actual aliada em armas — a Inglaterra — concluímos a breve conversa, com um vigoroso «shake-hands».

S. Saboya



O SR. BERT FISH

IMAGENS DA INGLATERRA



Os heroicos soldados da Polónia batem-se valorosamente em tôdas as frentes, ao lado dos seus irmãos de armas ingleses. O primeiro ministro polaco, general Sikorski, chega ao Palácio de St. James, em Londres, para tomar parte na Conferência Inter-Aliada



Chipre, a Malta do Mediterrâneo oriental, está poderosamente artilhada. A sua população uniu-se às forças imperiais para a defesa da ilha. A guarnição de uma bateria anti-aérea



O grande Exército feminino da Gran-Bretanha trabalha, sem cessar, para todos os soldados que se batem pela causa da liberdade dos povos. Nesta fábrica da Inglaterra, constroem-se milhares de skis que vão ser enviados para a frente Leste



O povo de Londres saúda os seus soberanos e o Exército invencível na Gran-Bretanha. Na capital inglesa, o Rei e a Rainha assistem a um desfile das forças motorizadas territoriais



O sr. dr. José de Arruela no seu gabinete de trabalho

PERANTE A HISTÓRIA

JOSÉ DE ARRUELA, AUTOR DE "A TRAGÉDIA NACIONAL"

CONTEMPORANEO de uma geração de grande relevo literário e político, José de Arruela, advogado brilhante, orador fluente e vigoroso, que galvanizou na sua mocidade as multidões apaixonadas, com as suas atitudes desassombradas nos pretórios, é um dos raros sobreviventes dessa famosa pleiade que, com Augusto de Castro, João Lúcio, João de Barros, Fausto Guedes Teixeira e tantos outros iluminou a vida espiritual do país. Jornalista vigoroso e polemista incisivo, escritor de forma rara, conferencista empolgante, o sr. dr. José de Arruela é também um homem de acção, que não hesita, seja em que momento for, em marcar uma expressão de decidida energia.

A sua vida pública começou logo na juventude, um ano depois de ter concluído a formatura, com uma causa célebre e memorável. Tinham sido condenados a pena maior os marinheiros revoltados do D. Carlos. O ilustre advogado, apesar de ser monárquico, não hesitou

em lançar uma campanha que concluiu a breve trecho, pela amnistia dos condenados. A sua eloquência servida pela mais límpida verdade tem alcançado inúmeros triunfos. Noutro célebre julgamento, político embora isolado, afrontou um auditório colérico, com tanta coragem, que os seus inimigos doutrinários foram os primeiros a reconhecer o valor do seu desassombro.

Foi assim que principiou uma carreira fulgurante, que ainda hoje perdura. Ferrosos patriota, para ele a aliança Luso-Britânica, de que tem sido estrénuo paladino, tem um significado, de reciprocidade, sendo condição fundamental da integridade do Império Português.

Pad'Zé, o célebre e saudável coimbrão, o mais talentoso e cintilante boémio de Coimbra, nas suas memórias «O livro do Doutor Assis» dedicado aos seus contemporâneos enalteceu a figura de José de Arruela com carinhoso fervor: o homem, o carácter, a inteligência.

O seu último livro «A Tragédia Nacional» dedicado às relações entre Portugal e Inglaterra, alcançou um êxito sensacional, estando em vésperas de terceira edição.

José de Arruela provou a lealdade inglesa para com Portugal apresentando documentos irrefragáveis.

A sua posição ante a actual guerra é de repulsa contra a violência, venha ela donde vier, na defesa dos princípios eternos da Moral e do Direito.

José de Arruela é por um Portugal livre dentro de uma Europa cristã em que cada povo seja o juiz absoluto do seu destino. José de Arruela nunca temeu o combate. O seu patriotismo impoluto defende a independência absoluta de Portugal, sem restrições. José de Arruela não está sózinho. O seu livro «Tragédia Nacional» suscitou não só um extraordinário interesse do público, mas um movimento de consagração à nobre atitude de autor.



Tôdas as manhãs os moços de bordo, com mangueiras e baldes, fazem as operações de limpeza do rebocador, pois, como se sabe, o marítimo é cioso da boa conservação e acelo do seu barco



Mostrando a chaminé esgula, o rebocador, oculto pelo arcaboço fundeadouro no Tejo



do navio bacalhoeiro, ajuda-o a procurar



Quando há cheias e perigam vidas, o rebocador, com o seu tradicional atrevimento, interna-se nos campos submersos do Ribatejo e all vai prestar os seus socorros

AS "FORMIGAS" DO MAR

GERALMENTE e devido a uma falsa noção de valores, costuma dar-se pouco apreço às coisas que se nos mostram insignificantes no seu aspecto. Há nisto um absolutismo de critério incompatível com a realidade dos factos e que desabona o sentido crítico de que cada um de nós se julga possuidor em larga e justa medida.

Não estamos a actualizar banalidades filosóficas; pretende-se apenas e modestamente demonstrar que aquelas insignificâncias — homens ou coisas — têm na maior parte das vezes um valor que não se pode dispensar, sob pena de graves e molestos incômodos e prejuízos.

Quem há aí que não tenha visto no Tejo, a qualquer hora e com qualquer tempo, êsses naviozitos com poucos palmos de borda ao de cima de água, que percorrem o rio em todos os sentidos, internando-se nas docas e nos esteiros, ora puxando uma fragata, ora ajudando a costar ou a desatracar um transatlântico, ora levando ou trazendo gente que trabalha em navios ou em fábricas do outro lado do rio — o rebocador.

São pertinazes os pequenos barcos e o seu atrevimento não conhece limites. Se há mau tempo e está um navio em perigo, com vidas a salvar, ei-lo que desafia mares e ventos e aí vai fumegante e desarvorado, desaparecendo umas vezes nas depressões das águas para surgir daí a pouco, cambaleante e espumejante, mas sempre atrevido, na crista das ondas. E o bravo naviozito, tripulado também por brava gente, só desiste quando a sua missão se cumpre. As vezes, não

poucas, infelizmente, o mar vingança da sua petulância, arremessando-o para um baixio, tal como sucedeu ao «Patrão Lopes», ou contra os escolhos ou ainda engulindo-o no seu insaciável estômago líquido.

O rebocador é um acessório fundamental de um porto. Sem êle, não era possível fazerem-se com geito e rapidez as manobras necessárias das outras embarcações, quer pequenas, quer grandes. Nas barras de difícil acesso, ei-lo que presta galhardamente a sua ajuda, rebocando para o ancoradouro o navio que procura abrigo.

Em ocasião de cheias no Tejo, quando há povos bloqueados pela água, desprovidos de agasalho e alimento, eis que se recorre ao navio salvador, à abelha laboriosa.

Digam lá, agora, que esquematizemos a acção do pequeno barco, se êle, apesar da sua insignificância de porte, não é um preciosíssimo auxiliar e não merece a simpatia de todos. Quando o virem passar ali em frente do magestoso Terreiro do Paço, sempre afadigado, no seu vai-vem contínuo, como se tivesse bicho carpinteiro nas entranhas, façam-lhe adeus. De bordo, a tripulação, gente rude, destemida e prestável, agradecerá com um sorriso e com um aceno. Ela compreenderá que aquele gesto de simpatia é um estímulo nas agruras da sua vida de trabalho e de risco permanente.

E não se esqueçam de que as coisas aparentemente insignificantes têm às vezes um valor inestimável!

J. B.



O rebocador vai onde é preciso: ei-lo aqui na tentativa de desencahar de um navio, na costa portuguesa



Ei-lo a servir de navio de passageiros! Conduz a seu bordo uma multidão que se aproxima do navio que acabou de chegar de mares longínquos



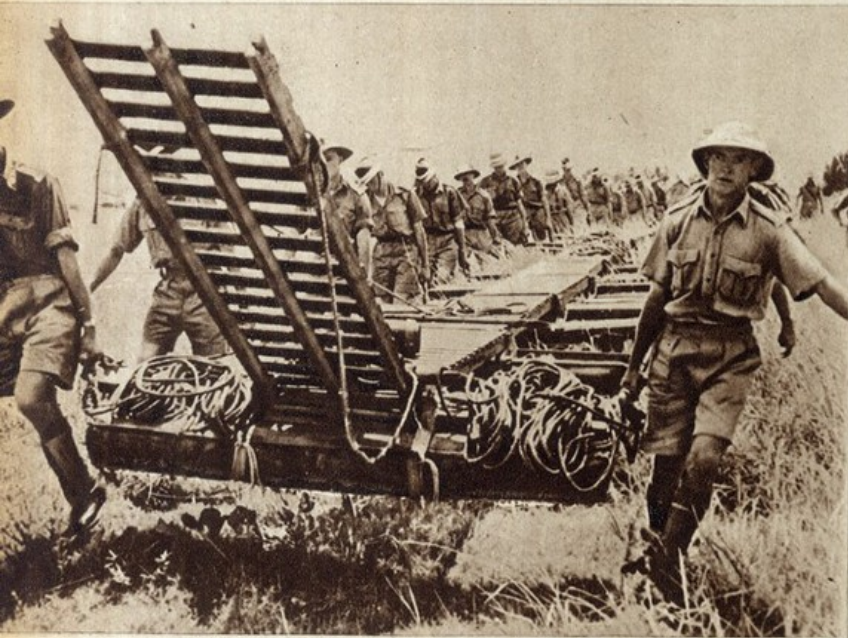
Os alemães feitos prisioneiros na campanha de Leste têm sido bem tratados. Numa cantina, escrevendo para suas famílias



As sentinelas do deserto vigiam o inimigo, defrontando-o valorosamente. Wavell e Auchinlek inscreveram, na história do Exército inglês, as gloriosas campanhas da Líbia. Conquistada a Somália, a Eritreia e a Abissínia, as forças imperiais ameaçam, implacavelmente, a última colônia italiana



A indômita marinha grega colabora com as esquadras britânicas, afundando a rara navegação do Eixo que se arrisca a cruzar o Mediterrâneo



A agressão nipônica tem sofrido um retardamento e um desgaste irreparáveis. Um destacamento de engenharia britânico transportando uma ponte

A FRENTE DA VITÓRIA!



Tank italiano apreendido na Líbia. O seu primeiro tripulante, de mãos no ar, sai da torre do blindado, entregando-se ao soldado inglês



A gloriosa R. A. F. tem ganho todas as batalhas. É cada vez mais bela a sua legenda heróica. Navios do eixo destruídos pela aviação inglesa em Bardia



Um aeródromo inimigo no norte de África é devastado pela R. A. F. Bombas de altos explosivos destroem os hangares e oficinas



A Gran-Bretanha converteu-se num formidável arsenal. Artilharia inglesa, no porto de Murmansk, a caminho da frente



Malta heróica! Um contingente de tropas imperiais chega ali, provando que as comunicações, no Mediterrâneo, estão nas mãos de Cunningham



A R. A. F. DOMINA OS MARES

100004



A CAMPANHA DA RUSSIA

DOIS episódios de incontestável importância caracterisaram a evolução da campanha da Rússia nas últimas semanas: o episódio de Staraya Russa e a batalha de Smolensko. Uma e outra se destinam a ter influência considerável no curso ulterior das operações antes que os adversários se tenham preparado para uma ofensiva na Primavera, que ambos anunciam e ninguém sabe onde, nem quando, nem como se desencadearia.

De momento a iniciativa continua a pertencer às

(Continua na página 29)



Aviação inglesa



Espreitando à janela. Três graciosas cabecinhas de ennastrados cabelos



Cabelos em cachos. São assim os anjos e as meninas



Aliança de amizade. Uma portuguesa e uma inglesa, duas das mais lindas crianças do colégio

As últimas tranças...

NA outra guerra, a mulher cortou os cabelos. Foi uma necessidade e uma conquista. Perderam-se as belas tranças, enlevo dos poetas românticos, que tanto eram cantadas em Portugal, por Soares de Passos, Cezário e João de Deus, como na Escóssia, a dos lagos azuis e dos castelos, povoados de medos e de fantasmas. A mulher, com esse gesto que até certo ponto era um sacrifício, não ficou menos bela, pelo contrário, mais graciosa, mais voluntariosa. Aproximou-se dos homens e, como que despedaçou as últimas amarras, de sedosas meixelas, que a ligavam ao passado, imobilizando-a durante longo tempo no arranjo dum penteado, que tanto podia ser uma onda como um cesto de flores. Ficou, digamos, mais varonil. Minerva ou amazona, cabelos sótos, ao vento, ondulando como uma bandeira, que a mão corria, anediava, libertos de todos os preconceitos da moda e do cabeleireiro.

Os cabelos cortados encheram a literatura, e houve psicólogos subtileza que, fundamentados nessa emancipação, construíram, com tanto de artifício como de realidade, uma estrutura diferente à mulher. Ela sorriu, e ficou, afinal, a mesma, com o seu elmo vivo e fulgurante, no alto da fronte, mais serena até, como aquelas estátuas gregas, símbolos da Vitória, que no alto do Parthenon desafiam a eternidade da beleza.

Mas bem depressa se arrependeu dos seus cabelos rebeldes, voando nas carlingas dos aviões, viajando nos grandes transatlânticos, ou saltando nos ginásios de ritmos perfeitos — cosmopolita, desportiva, atlética! Nada perdeu nessa evolução, mas inventou outros martírios. Electrizou o cabelo substituindo a sua flexibilidade de teia natural por uma rede de aço dura, áspera, fixa, e terrivelmente permanente, que a obriga durante três ou seis meses a ter a mesma fisionomia, o mesmo penteado — a ver-se da mesma maneira, sendo, tão caprichosamente diferente. Hemos de concordar que as tranças românticas são já hoje uma saúde, pelo menos, nos rostinhos inocentes das crianças. Eis as últimas tranças, caros poetas! Tranças de baladas, louras como espigas maduras do sol de Agosto; negras, encaracoladas, com lacinhos côr de rosa, nos dias cheios de sol e de alegria do colégio *Queen Elisabeth* que é um lindo jardim infantil, onde há rosas todo o ano. O cair das tranças é como o tombar das folhas. É a última ilusão da infância, que se desprende no outono, por vezes triste da existência. Mas não sejamos excessivamente romanescos. Que haja de tudo! Cabelos cortados da mulher que trabalha em casa, no escritório ou na fábrica, ou só porque se sente melhor assim, na sua beleza moderna, e ingénuas tranças, que têm dez ou doze anos — e são na vida em alvorada, cântico de pureza e de ternura adolescente.



O optimismo do Primeiro Ministro inglês

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

Desde o começo das minhas diligências para tomar parte na campanha do Sudão, deparei com a hostilidade do «Sirdar» do exército egípcio, sir Herbert Kitchener. O meu pedido para ser incorporado na expedição, apesar de ter apoio do ministro da Guerra, foi rejeitado. Entretanto, eram aceites outros pedidos de oficiais da minha categoria e até do meu regimento. As diligências a que procedi junto de diversas pessoas esclareceram-me que a recusa vinha de muito alto. Era absolutamente impossível, do fundo da guarnição de Bangalose, vigiar estas manobras. Como depois da expedição do Tirah eu tinha direito a uma licença, resolvi ir pessoalmente a Londres tratar o meu assunto.

Ao regressar a capital, mobilizei todos os meus recursos. Minha mãe consagrou-se igualmente a essa tarefa. Foram numerosos os almoços e os

UMA ENTREVISTA COM LORD SALISBURY

jantares para que ela convidou os poderosos da-quele tempo, durante os dois meses por que se arrastaram as negociações. Tudo foi em vão! O obstáculo que se opunha à minha partida para o Egipto estava, simultaneamente, muito distante e muito alto. Minha mãe escreveu pessoalmente a sir Herbert Kitchener, a quem conhecia muito bem. Respondeu-lhe, com toda a delicadeza, que tinha oficiais a mais para a campanha e que estava já cansado com os pedidos que constantemente lhe faziam. Se, entretanto, surgisse uma oportunidade para deferir o meu pedido não deixaria de o fazer.

Estávamos em fins de Junho. A ofensiva devia começar em Agosto. Não era uma questão de semanas, mas apenas de dias.

Entretanto dava-se um acontecimento inesperado. O Primeiro Ministro, Lord Salisbu-

(Continua na página 30)



1912. Churchill com sua esposa Iron Duk, em Portsmouth

COMO SE VIVE NUMA ALDEIA PORTUGUESA



A vida aqui é simples, idílica. Manhãzinha, o sol abre todos os postigos, e a Florinda vai buscar uma abóbora, que ficou do Verão, para o caldo do meio-dia

Em poucos países, a Aldeia é objecto de simpatia tão sincera e profunda, quasi duma espécie de culto enternecido, como em Portugal. E' analisar o lugar que ela ocupa na literatura — novela, romance, peça de teatro, poesia — e a acção que ela teve na nossa História — mesmo na contemporânea.

Na que se chamava a Grande Guerra, quando se quis exaltar o sacrificio, a coragem, a tenacidade dos portugueses que se bateram em Africa e na Flandes, que soldado se escolheu para simbolizar essas qualidades fecundas e admiráveis? o «serrano» — o aldeão da serra. E foi a Cidade, espontâneamente que a elegeu; a Cidade que adora a Aldeia, que a incensa e idealiza, que dela fala com o mais lírico dos entusiasmos.

E' na Aldeia, no casario que a constitui, nos seus costumes, na linguagem, sem estrangeirismos dos

habitantes, que Portugal pode encontrar o seu verdadeiro rosto. E' lá que ainda se mantêm, como que enraizadas no solo, tradições que morreram nas cidades e de que as vilas fizeram já tábua razea.

No Algarve, a Aldeia é branca e muda. O silêncio, o silêncio dos árabes ainda persiste, ao cabo de tantos séculos; silêncio que se mantêm, mesmo nos dias de romaria que deviam encher a atmosfera de ruídos.

No Minho, a luz vem mais dos olhos e dos sorrisos das mulheres do que da do Sol menos intenso, do que no Algarve, efôrça a vinha a elevar-se, a trepar, enroscada, pelas árvores e a alcandorar-se nas latadas. No Minho a Aldeia, menos branca do que a algarvia, não é, como esta, silenciosa. Ao mais pequeno pretexto, festa — e festa plene de ruído, gritante de côr.

De Junho a fins de Setembro, o Minho da Aldeia não cessa de dansar e cantar, de festa em festa, de roma-



Um cenário de alegria, de montes azuis e sádios horizontes. O José regressa do pinhal com uma molhada de lenha, que vai desfazer-se em luz na sua lareira de pedra



Cada lar tem um forno privativo, onde se coze o pão moreno, de milho e centeio, que os camponeses arrancaram à terra generosa



As velas dos moinhos giram, rapidamente, no alto do monte, por vezes rangendo à ventania, como os veleiros no mar alto



Enquanto a mãe peneta a farinha branquinha do seu pó e dos anos que a envelheceram, a filha amassa-a, contente de ver pão em casa



Foi à vila vender as primeiras novidades da estação, e fez bom negócio. Se todos os dias fossem assim, comprava uma saia nova para a Páscoa



A riqueza dos pobres. A vaca chama-se Estrêla, é mansa e dá bom leite

ria em romaria. Andam as estradas cheias deromeiros que fazem, a pé, longos trajectos. E pereorrem-nos a cantar e a dançar. A festa começa mal se dá o primeiro passo para o sítio, às vezes distante, onde há a festa. Mais do que nos seus programas, quasi sempre os mesmos, o arraial, a queima do fogo de artificio, a missa cantada e a procissão, a festa está nas almas e exprime-se numa alegria forte, viva, ruidosa, plectórica. E, cantando, o minhoto trabalha. E quando emigra, seja para a América, seja para o Brasil, êle fica a ser sempre, apesar da distância, apesar de tudo, o homem e a mulher para quem, no mundo, nada há mais belo, mais verdadeiro, mais inesquecível de que a sua aldeia natal. Para o minhoto, mesmo ao fim de trinta ou quarenta anos de permanência em terra estranha, a aldeia donde procede é a sua mãe de sempre, porque ela, nem na realidade, nem na saúde funda da sua alma, nunca morre.

• • •

A Aldeia da Beira é, quando fronteira amontoado de casas formando círculo, apertadas umas contra as outras, característica esta que ainda mantem do tempo das guerras, adoptada instrutivamente para ser mais fácil a sua defesa, quer dos homens de armas, quer dos lobos quando a necessidade da fome as tome capazes de tôdas as audácias.

Para as montanhas da Beira, a Aldeia fala um português velho de séculos; os costumes são arcaicos. E vai ali encontrar-se, ali para as bandas da Lousã, com dificuldade, é certo, aldeias perdidas em montes, que escaparam a tôdas as invasões; que os seus habitantes, os mais velhos, é claro, dizem, com orgulho, que nunca homem doutra pátria lá conseguiu entrar.

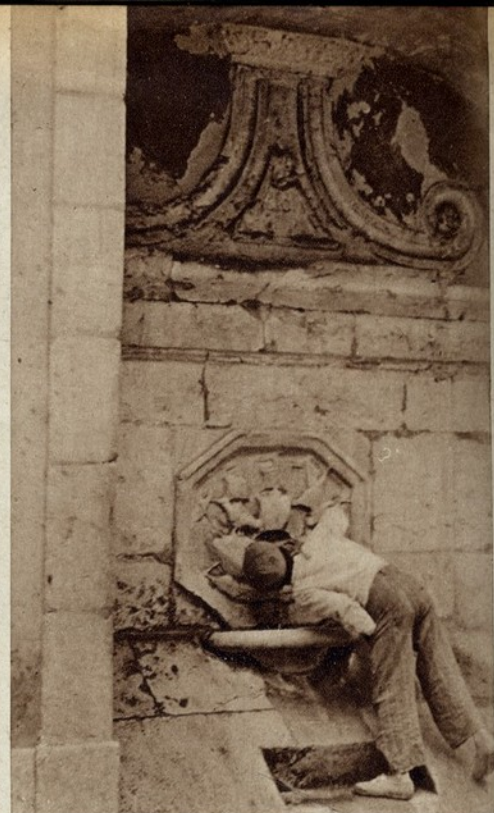
A Cidade vê a Aldeia através de

«Os Velhos» de D. João da Câmara e dos romances de Júlio Diniz. E, se na comédia de D. João da Câmara, os tipos são secundários pela sua realidade humana, pela sua tinta local, pela caracterização da provincia em que a acção, lenta e simples, passa com sopro lirico, e a peça agrada pelos costumes que evoca e pelos sentimentos que exprime — os seus personagens mais verdadeiras são a ternura, o amor e a saúde — nos romances de Júlio Diniz são as personagens mais do que os entrecchos, mais do que os sentimentos, que lhe asseguram, apesar das modas literárias, uma simpatia perpétua dos seus muitos milhares de leitores. Esses romances, que têm, no descriptivo, pintura das paisagens, quer no desenho psicológico da sua população enternecedora, a suavidade, a delicadeza das côres de aguarela, vivem dos seus tipos populares que a Cidade mais do que o Campo admira. Estão eternizados o João Semana, o velho médico da Aldeia, o Senhor Reiter, símbolo da bondade, as suas pupilas, a Margarida, o amor que sofre sem um queixume, que se avulta na sua timidez e no seu orgulho, fiel à sua primeira e única imagem, e a Clara, a despreocação, a alegria, que não destroem o fundo honesto, nem impedem embora o amor, mais calmo, mais vulgar.

Júlio Diniz é aparentado literariamente, com a Inglaterra. Em seus romances, a influência britânica é acentuada e criticos illustres são unânimes em a assinalar.

Pormenor curioso: há um romance, um único romance em que excepcionalmente a acção não se passa no campo; em que tôdas as suas personagens são da Cidade. Chama-se êsse romance, como todos sabem, «Uma Família Inglesa».

João Silvestre



Uma das fontes mais velhas de Lisboa, na Rua de São Paulo, lágrima de água que nunca secou

Um chafariz monumental da Estrada de Bemfica, que tem um lindo braço joanino

LISBOA NÃO TEM SÊDE

Lisboa está chela de fontes. Cantam, sussurram, esplendem à luz, na arquitectura cristalina dos seus repuchos, ou são, apenas, um fio de água, duma harmoniosa doçura.

Há as que têm história, contam os seus milagres, não se cansando de correr através dos séculos, misericordiosas a todas as bocas, inesgotáveis a todas as sêdes.

Outras são duma poesia rustica, e dir-se-ia ouvir, na sua alma límpida e fluidica, como que o vagaroso chiar das noras, com os seus alcatruzes moiriscos, e a linfa a correr, nas veigas túmidas e fecundas. Outras ainda são o braço da cidade, com a nau vicentina e uma data antiga que surgem, na pedra gasta, atestando a sua nobreza e a sua qualidade.

Desde o chafariz de El-Rei, que é coevo de D. Sebastião, senão mais vetusto, pomposo na sua fábrica, tonel das Donaldes, que nenhuma sêca, em anos pretêritos, esvaziou, até ao do Carmo, de água saborosa, com que dantes se fazia o melhor capilé de cavalinho que se vendia em Lisboa — a teoria dos fontenários, bicas e bebedoiros, ilustra o tombo citadino com as suas virtudes milagrosas.

Serviam para tudo, até para curar achaques de amor! Ainda hoje, em noite de S. João, à sua volta, baillam raparigas, em grinaldas de braços, bocas de rubros cravos que as bebem beijando-as, num símbolo de paixão! Fontes de Lisboa? sois, afinal, a sua voz, voz eterna que certos notivagos, em horas mortas de poesia bruxa, pelos bairros velhos, ouvem extasiados, como se nas suas gargantas de prata e cristal, uma alma cativa chorrasse devagarinho o seu romanceiro de saúdaes!



O Chafariz do Carmo, de admirável recorte architectónico, que as pombas decoram de beleza viva



**DOIS
HEROIS**

O vice-almirante Helfrich, comandante em chefe da esquadra holandesa do Pacífico cujas concepções de grande estratégia tão notavelmente se evidenciaram nas batalhas de Macassar e de Java, e o glorioso general Mac Arthur, que nas Filipinas, lutando contra um inimigo numericamente superior, tem defendido heróicamente os pontos vitais do arquipélago, inflingindo graves e sucessivos reveses aos invasores

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

NOVOS CHAPÉUS

Como pássaros irrisados de sol eis que começam a esvoaçar, no céu da moda, os novos chapéus.

Pela poalha do passado lembram versos de Samain:

O Versailles, par cet après-midi fané
Porquol ton souvenir m'obsède-t-il ainsi?

Volta a graça alada do Trianon a imperar nos chapéus: plumas, rendas preciosas, lantejoilas, ricos bordados a ouro e prata, cintilações de vidrilhos, diademas, laços em altura, fitas a tombar, flutuantes, pelas costas, policromia de flôres...

A linha geral, nos chapéus de Primavera, é de meia toilette — até para desporto se evitam os traços muito clássicos, tendo, assim, mais encanto feminino e podendo servir quasi que desde as oito da manhã às oito da tarde.

Faz-se imenso o marujo, muito pequenino, que tanto pode ter o pompom como uma pena muito espetada. Não esquecer o laço atrás, pequeno e chato.

O véu continua sempre a usar-se, até mesmo com o postilhão e o chasseur.

O bretão é hoje minúsculo com a copa muito baixinha; o bolero tem borlas ou plumas.

Vê-se muito a renda branca, engomada a debruar as abas, dando recortada sombra aos olhos — desempenha um importante lugar, como guarnição. Alguns bonés de Jockey têm só pala e copa; atrás, o cache-nuque cinge absolutamente o cabelo e vem acatar com um nó atado na frente, sôbre a pala.

A bolina aos gomos coloca-se para trás.

Com o elegante vestido de tarde continua a usar-se o serre-tête, tendo no alto, sôbre a testa, uma coisita minúscula que tanto pode ser uma corbelha de flores, uma cestinha de tule, um caracol de palha ou um ninho de plumas.

As capotas conservam o ar infantil, tendo o espaço interno, superior, inteiramente cheio com flores ou folhos de renda, ou laçadas.

A cornucópia da abundância é uma forma nova.

Os turbantes mostram idéias originais, tendo, quasi sempre, altura na frente, formada por um fôlho ou laços ou flôres.

O fez, de linhas direitas, tem a torná-lo original, a borla feita numa cor contrastante.

A cloche mostrará a aba caída na frente, lembrando as antigas bergères.

E aqui estão os principais tópicos sôbre a nossa moda dêsse ponto final da elegância feminina: o chapéu.

SABER VIVER

— Não segrede; se êsse assunto não pode ser tratado em voz alta, deixe-o para outra vez.

Nem fale uma língua estrangeira quando souber que nem todos os presentes a compreendem.

— Não conte, de modo a ser ouvida por indiferentes ou curiosos, coisas da sua vida particular.

Cuidado no cabeleireiro quando está debaixo do capote quasi que se ouve o que diz no Campo Grande...



Chapéus da Primavera. Cetim e renda — as duas notas dominantes dos chapéus de meia-estação

CONSELHOS DE BELEZA

Mudar de alimentação, evitando excitantes e gorduras. Lavar com sabonete vitamínado. Dar banhos de vapor para abrir os poros; extrair o cravo com o ferro próprio, passar um algodão enrolado num palito, molhado em álcool e outro, depois, embebido em sumo de limão.

Diariamente, limpar a pele com este creme de limpeza:

Vaselina	50,0
Lanolina anidra	50,0
Borato	1,0
Agua de rosas	30,0
Branco de baleia	10,0
Essência de palma-rosa	2 gótas

Retirar, passados 10 minutos, com papel absorvente e, com algodão, passar este adstringente:

Vinagre aromático	100,0
Cânfora	10,0
Agua de flores de Laranjeira	10,0

A MODA MASCULINA

— A linha continua maleável, mas já se não usa tanta roda nas costas.

— O jaquetão é sempre levemente cintado.

— O sobretudo usa-se menos comprido.

— O casaco, mais comprido, tendo a cinta descida um pouco.

— A calça menos larga, em baixo.

CASA QUEY

Hosiery Spécialists

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18

Vultos da Velha Inglaterra

Jorge e Roberto Stephenson

por EUGÉNIO VIEIRA

A Inglaterra não tem produzido apenas grandes vultos nas letras, nas ciências morais e na arte. A activa raça que, nos meandros do sonho e da poesia, deu ao mundo um Shakespeare e um Byron, deu também larga contribuição ao progresso científico.

Este é o caso dos dois engenhosos espiritos: George Stephenson e seu filho Roberto Stephenson.

Nasceu o primeiro destes em Wilam, perto de Chesterfield, no ano de 1848, e o segundo em Willington, perto de Newcastle, em 1803.

George Stephenson era filho dum simples operário fogueiro.

No ano de 1810, na humilde posição de guarda duma hulheira, George encarregou-se do arranjo duma bomba de esgotamento, e com tal perfeição aquele simples guarda realizou o trabalho, que os engenheiros da mina o consideraram um bom mecânico.

Entusiasmado com o resultado obtido e na compreensão daquilo que podia vir a ser, o novo mecânico dispôs-se a estudar as matemáticas, a mecânica e a química. Munido desses conhecimentos e dando as melhores provas do seu valor, obteve o seu diploma de engenheiro.

As suas locubrações, não tardaram em levá-lo à construção de rails de ferro, em substituição dos de madeira, que eram então os usuais. De triunfo em triunfo, Stephenson é o primeiro a compreender o sistema de aderência das rodas, e em 25 de Julho de 1914 tem o prazer de ver que a máquina de sua construção, posta nos rails da hulheira, podendo deslocar e arrastar oito wagons com o peso de trinta toneladas, e a velocidade de 4 milhas à hora.

Nos anos de 1830 e 1840 foi ele chamado a dirigir a construção de grande número de linhas férreas na Inglaterra.

Seu filho, Roberto Stephenson compartillhou dos trabalhos do pai e acabou por desenvolver e aperfeiçoar as suas descobertas, inovando outras. Quatro anos depois de terminados os seus estudos como engenheiro, empregou-se numa fábrica de máquinas a vapor, sob a direcção paterna. Tendo trabalhado com o pai na construção de *the Rocket*, de que falámos, fabricou depois uma locomotiva mais aperfeiçoada, a que chamou *the Planet*.

A ele se deveram o viaduto em ferro e pedra, de Newcastle sobre o Tyne, a ponte de Couway e a ponte Britania, sua obra prima, executada para ligar a Inglaterra à ilha de Anglessy, e ainda a magnífica ponte Vitória, a última das suas obras, sobre o rio S. Lourenço, perto de Montreal, no Canadá.



O desporto e a educação física

O basket-ball é um dos melhores exercícios desportivos para um desenvolvimento muscular equilibrado. Não há dúvida que a sua prática é das mais violentas, porquanto os cinco elementos da equipa colaboram intensamente em todo o decorrer do jogo, demasiado movi-

mentado num rectângulo de escassas dimensões. Por isso mesmo, os jogadores devem ter uma preparação atlética, criteriosamente orientada. Só assim é possível recorrer ao basket-ball como elemento útil de educação física. A corrida, as flexões constantes do tronco, os movimentos de braços quando procuram e lançam a bola, os torções do pescoço e da cabeça acompanhando continuamente todas as trajectórias do esférico e a colocação dos jogadores, são as características fundamentais que aconselham a prática vantajosa do basket-ball entre a mocidade.

São todos os músculos em constante e plena actividade, o que não acontece na maioria dos desportos e em muitos exercícios de ginástica aplicada em que determinado sistema muscular se desenvolve em prejuizo de outros.

Este curioso instantâneo colheu uma fase emocionante de um desafio. Um dos «camisolas brancas», vencendo os dois defesas adversários, lança a bola ao cesto. O «goal» parece certo, porque a trajectória é correcta. Mas, o companheiro do lançador corre a ocupar a melhor posição para colher o esférico, se não entrar, e fazer, por sua vez, os dois pontos desejados.

Navio à Vista!

(Continuação da pag. 10)

Portugal e à Bélgica, calorosamente correspondidos, serviram a encerrar esse discurso. Falaram ainda o sr. John Balfour, para secundar as elogiosas referências daquele ilustre diplomata; em nome dos náufragos, o imediato do «Gandia», sr. Albert Hubert, e, por último, o sr. Ferreira Chagas, para agradecer as referências elogiosas que aos heróicos salvadores foram dirigidas.

Passou-se, em seguida, à entrega de recordações aos tripulantes do «João Côrte Real», a cada um dos quais o sr. ministro da Bélgica deu uma cigarreira de prata e, após este acto de gratidão, seguiu-se um jantar oferecido pelo diplomata belga.

Companhia Nacional de Navegação

LINHA RAPIDA DA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete "QUANZA"

Sairá no dia 31 de Março pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LOANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE

— e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação. —

IMPORTANTE: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 27 e depois desta data até às 18 horas do dia 30 com o aumento de 20%.

Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE — LISBOA — RUA DO COMÉRCIO, 85 — TELEFONE 23021 (6 LINHAS)
SUCURSAL NO PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73, R/C — TELEFONE 1434

PARECE NOVELA...

Por JÚLIO LAMIR

AS delicias daquele amor nascente, levaram-os a uma cidade do Norte de África.

Hospedaram-se no «Bu-Aidi», um hotel instalado num típico edifício de amplas arcadas policromas de suaves contornos.

Muito chegados um ao outro, o braço dela poisado, cariciosamente, sobre o ombro dele, viviam horas esquecidas à janela do hotel, a olhar a praça, em frente, povoada de uma multidão de árabes e europeus — mulheres de rosto semi-velado e olhos carbunculados, moiros indolentes arrastando os pés calçados de «babuchas» vermelhas, e francezinhas elegantes na simplicidade quasi primitiva das suas reduzidas vestes.

Absortos por aquela antevisão do Oriente, pareciam como que esquecidos a errar seus olhares até que os deixavam perder na «silhueta» graciosa que os miranetes desenhavam na perspectiva esbaltada do azul distante. E, presos de encantamento, imaginavam caprichos fantasiosos.

Longe de Lisboa e de outras cidades europeias onde a vida pautada pelo mesmo ritmo de civilização, é sempre igual; onde os homens se parecem todos uns com os outros, e a primeira mulher que vemos, ao sairmos à rua, nos recorda, invariavelmente, a última com quem na véspera conversámos, encontravam naquele meio exótico, desconhecido para eles, um novo encanto tocado de mistério. O «brouhaha» babélico de frases que da multidão se escapava, numa dissonância bárbara de sons, quasi era grato aos seus ouvidos.

E os dias decorriam calmos, pondo em suas almas enamouradas um êxtase contemplativo — espécie de preguiça que invade temperamentos sonhadores.

Nunca mais ouviram falar de Lisboa, das suas relações; e, para ele, a agitação que tumultuava a vida das grandes capitais, parecia-lhe um eco longínquo que, numa hora triste de mau humor, houvesse imaginado.

Nunca saía do hotel sem que ela o acompanhasse a contemplarem juntos os aspectos da cidade tão linda e tão diversa de outras que já conheciam. Teve, porém, um dia, em que ela se deixara ficar na cama com uma pontinha de febre, que saísse.

A poucos passos do hotel, um rapaz ainda novo que por ele passava, fitou-o com insistência. Os dois afrouxaram o andar e os seus olhares cruzaram-se interrogando-se. E, simultaneamente, esboçaram

um ligeiro cumprimento arotejarem-se.

O outro, aproximando-se, delicado, inquiriu:

— É português, não é verdade?

— Sim...

— Parece que não é esta a primeira vez que nos vemos. Não é de Lisboa?

— Vivo lá...

— Bem me queria parecer... Não costumava frequentar os concertos e os teatros?

— De quando em quando.

— E não se recorda de mim?

— Vagamente...

— Pois já estivemos algumas vezes ao lado um do outro.

— Agora reparo bem no seu rosto... Desculpe-me não o ter reconhecido... Tenho uma fraca memória visual.

— Chegou há muito?

— Há uns quinze dias.

— Eu, esta manhã...

E apresentaram-se: — «Muito prazer»...

O outro travou-lhe do braço e fôram rua fóra, «bras des-sous», como dois amigos que um longo convívio espiritual há muito tempo unisse. Falaram de tudo, ao acaso; pretexto com palavras a justificação daquele encontro inesperado. Relembrou coisas de Lisboa: de literatura, de arte; e, quando ao fim de uns minutos a conversa tomou um certo ar de intimidade — falaram de mulheres.

Ao rapaz recém-chegado, o encontro fóra-lhe agradável. Saira de Lisboa protestando contra tudo e todos e jurando a si próprio nunca mais voltar a uma cidade onde todos se conheciam e tudo se sabia... E, acrescentou:

— E em casos de amor?!... Não se pode ser diferente das pessoas que pautam a vida pelos preconceitos dos avós.

E, quasi ao despedir-se, o rapaz que tinha chegado de manhã, convidou o conhecido a ir tomar com ele uma chávena de chá.

O que recebera o convite escusou-se: — Que não podia...

O outro insistiu:

— Teria muito prazer...

E quis saber em que hotel estava.

— No «Bu-Aidi».

— Eu, no «Royals». É a dois passos daqui... Por que não vai?

— E que não estou só... acompanha-me uma senhora...

— Ótimo! É o meu caso... Mais encanto terá o nosso encontro. Você não ignora que as senhoras emprestam sempre às conversas uma encantadora futilidade que não nos deixa cair em temas graves e profundos.

Obtido o compromisso de que o convidado iria no dia seguinte tomar com ele uma chávena de chá, confidenciou-



«Não, lá estaremos. E de-raram-se as mãos com simpatia.

...

O rapaz que estava hospedado no «Bu-Aidi», ao regressar ao hotel, refreiu àquela a quem muito queria o encontro que acabara de ter com o rapaz insinuante e o convite que este lhe fizera para o chá.

— Acompanha-o uma santa rapariga divorciada: um caso semelhante ao nosso... Terás ocasião de, com ela trocades impressões sobre as recentes modas e ácerca dos últimos romances psicológicos, que também são moda.

O que estava no «Royal» teria dito coisa semelhante à dócil rapariga que era para ele um motivo feliz para viver.

Ela achou bem. Iria ter o gosto de falar na sua língua com uma jovem portuguesa como ela, na intimidade quasi familiar daquele chá. E aguardou com impaciência o dia seguinte.

A hora combinada o rapaz e a rapariga que estavam no «Bud-Aidi», chegavam ao «Royal».

Um criado moiro de turbante alvinhento e «chilaba» azul, conduziu os recém-chegados. Entraram e olharam-se... Súbito, um grito de espanto saiu simultaneamente de quatro bocas, ecoou pela pequenina sala.

O rapaz que fóra convidado, reconheceu na rapariga de «uma docilidade quasi infantil» a pretenciosa burguezinha que tinha sido sua mulher. A rapariga loira que acabava de chegar, notou, com desprezo, que o «rapaz insinuante» que fizera o convite, era, nem mais nem menos, que o homem brutal, o ciumento, — o feroz Otelo seu ex-marido.

...

Na manhã do dia seguinte, muito cedo, os dois rapazes compravam em uma agência de viagens, bilhetes para Lisboa — este pequeno burgo onde tudo se sabe, se comenta e onde os factos banais que nele ocorrem, para terem, porventura, algum interesse novelesco, precisam de ser localizados em qualquer cidade muçulmana.

PERSPECTIVAS DE PRIMAVERA

(Cont. da pág. 8)

vitoriosa da guerra. A marinha de guerra anglo-americana, que domina quasi todos os mares, não tardará a restabelecer o seu dominio no Pa-cifico.

O Japão enfrenta agora os piores adversários: a China, a Índia, a Austrália e a U. R. S. S., pois as relações diplomáticas nipo-soviéticas entraram num periodo de crise aguda.

A Primavera trará, no Extremo-Oriente, algumas surpresas que devem traduzir-se por factos de repercussão mundial.

Em Londres, como em Washington, ninguém alimenta dúvidas sobre a natureza e a importância das dificuldades que é necessário vencer; mas ninguém igualmente tem dúvidas sobre o resultado final da luta a que os dois países foram chamados e que desejam ver concluída vitoriosamente.

CAMPANHA DA RÚSSIA

(Continuação da página 13)

tropas soviéticas. Mas do lado alemão houve uma modificação sensível que a linguagem dos comunicados oficiais traduz com suficiente exactidão. Da defesa passiva, que caracterizou a sua tática ao longo dos meses de Dezembro e Janeiro e ainda durante a primeira quinzena de Fevereiro, os exércitos alemães passaram à defesa activa. Esta mudança implica um desgaste em homens e em material. Mas o comando alemão reconheceu decerto que seria difícil, de outra maneira, parar eficazmente o golpe do adversário.

O ritmo das operações acelerou-se embora ainda com as características da campanha de Inverno e com todos os seus inconvenientes. Os russos, que em 7 de Dezembro tomaram a iniciativa ainda a não abandonaram. Os alemães, por seu lado, remeteram-se a uma tática defensiva que se traduziu por uma série de recuos, ignorando-se a linha que procuravam estabelecer como limite extremo desse movimento. É evidente que a sua preocupação principal consiste em acautelar a posse das povoações importantes onde instalaram os quartéis de Inverno das suas tropas e que deixam utilizar como bases de partida para a ofensiva que planeiam.

Schlusselfurgo, ao norte, Rzev, no centro, Taganrof, ao sul, são os pilares da resistência alemã que têm resistido tenazmente aos ataques frontais do inimigo. Este modificou também a sua concepção inicial e passou a substituir as poderosas investidas directas por manobras de envolvimento e por métodos de infiltração que se tem revelado mais eficazes.

Embora não ocupando nenhum dos centros demográficos que pretendiam conquistar, os russos cercam alguns (Rzev), procuram envolver outros (Smolensko, Viasma) ou ultrapassam ainda outros (Orel, Karkov, Kursk) para poderem atacar as linhas de comunicação alemãs, liquidar os núcleos isolados ou menos numerosos de inimigos ou ainda para realizar infiltrações em larga escala desorganizando as retaguardas e esforçando-se por desmoralizar o adversário.

O objectivo principal do comando russo é agora evidente: levar as tropas alemãs a recuar até à linha dos grandes cursos de água da Rússia Ocidental, aproveitando depois o fenómeno do degelo para dificultar o seu abastecimento e criando assim as condições propicias para a realização de operações de envolvimento de certa envergadura. A reacção alemã a esta tentativa é já patente pela sua defesa activa e

tudo indica que proseguirá até que a Primavera crie novas condições de luta.

A campanha de Inverno, tal como tem sido conduzida, terá uma influência considerável na ofensiva que russos e alemães projectam. O desgaste tem sido importante e por maiores que sejam as reservas acumuladas num e noutro campo os seus efeitos não de sentir-se nos meses mais próximos. Possuindo uma base de recrutamento maior, os russos procuram atingir os alemães no ponto em que estes actualmente se encontram mais vulneráveis: o potencial humano. Por seu lado, os alemães, possuidores duma indústria de guerra mais valiosa que a do adversário, esforçam-se por dificultar o seu abastecimento em material atacando as rotas marítimas, especialmente a que põe em ligação o mando anglo-saxónico com o território soviético. Murmansk é um elemento crucial no cálculo de probabilidades em que se consomem os protagonistas da campanha da Rússia. A outra zona essencial para a compreensão dos acontecimentos que se preparam é o Caucaso para onde se voltam as atenções gerais neste momento.

CARLOS FERRÃO

MÁQUINA
DE ESCREVER
NÃO ERA
CONHECIDA
ATÉ QUE
EM 1873

REMININGTON

CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS:

Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL
ESPECIALIZADO

Ficheiros

KARDEX

e Arquivos

LISBOA

R. da Misericórdia 20-1.º
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE: 1276



Cabelo FORTE E PUJANTE!

SUSPENDE A QUEDA DO CABELLO. FORTIFICA-LHE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Memórias de Churchill (Continuação da página 21)

ry, cujas relações políticas com meu pai tinham tomado, por vezes, aspectos dramáticos, lêra, por acaso, o meu livro sobre «A expedição de Malakand» que o interessou e lhe agradeceu. Um belo dia, veio-lhe a idéia de conhecer o autor. Em princípios de Junho recebi uma carta do seu secretário particular, sir Schomberg O'Donnell, na qual me informava que o Primeiro Ministro lêra com prazer o meu livro e desejava conversar comigo sobre certos pontos a que ele se referia. Se quisesse encontrar-me com ele no Ministério dos Negócios Estrangeiros, poderia fazê-lo na terça-feira seguinte, às quatro horas. Como o leitor deve calcular, respondi a este convite com viva satisfação.

O Grande Homem, o Senhor do mundo britânico, o chefe incontestável do partido conservador, Primeiro Ministro e ministro dos Estrangeiros atingia o ponto culminante da sua carreira. Recebeu-me à hora marcada.

OS LIVROS DA QUINZENA

Água Forte

Carlos Leal deu-nos mais um livro de memórias. E este género de literatura é tanto mais valioso quando for menos auto-biografia. As auto-biografias, quando não são defeituosas, são pelo menos um retrato mais ou menos



fotográfico, mais ou menos caricatural de quem os escreve. Dão-nos o indivíduo apenas e, se ele não o tem projecção na sua época, redonda e em

inutilidades bibliográficas.

Carlos Leal não fez uma auto-biografia. Fala menos de si do que dos outros com a sinceridade brutal dos que não temem dizer o que sentem e o que pensam... seja de que maneira for. E, se a sua «maneira» não fosse já digna de interesse, essa honestidade seria suficiente para justificá-lo.

É uma edição da Livraria Popular de Francisco Franco.

Pequena História da Imprensa Portuguesa

O nosso prezado colaborador Rocha Martins acaba de enriquecer a sua já vasta e valiosa bibliografia, com uma nova obra, por todos os títulos notável: «Pequena história da Imprensa Portuguesa», da Editorial Inquérito.

O jornalismo, em Portugal, comemorou, ainda há pouco, três séculos de existência. Falou-se então muito do jornalismo e de Imprensa. Falaram, sobretudo, os que não são oficialmente jornalistas. Fez-se um pouco de história, mas salientou-se, principalmente — e justamente — o valor da Imprensa. Rocha Martins deu-nos agora mais um trabalho, que também é produto do seu talento e das suas superiores qualidades de investigador,

de extraordinário interesse para todos os estudiosos e, em particular, para quantos desejem conhecer um dos mais valiosos e ingratos ramos da actividade intelectual.

Eden

Mais um volume da colecção «Os homens da guerra», da Parceria António Maria Pereira. Trata-se, agora, do major Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros da Gran-Bretanha. Cristiano Lima, com a sua pena de jornalista vigoroso, é o seu biógrafo. Eden é uma das figuras mais complexas e mais prestigiosas da política do seu país e da política internacional. E Cristiano Lima sabe dar-nos, com rara emoção, a personalidade do grande estadista britânico, analisando com subtilidade digna de um observador de invulgares qualidades a sua brilhante carreira.

O Comité Internacional Olímpico, o Comité Olímpico Português e os Jogos Olímpicos Modernos

O dr. José Pontes, um dos espíritos mais curiosos de uma geração memorável, acaba de publicar um curioso trabalho de



investigação: «O Comité Internacional Olímpico, O Comité Olímpico Português e os Jogos Olímpicos Modernos».

Esta obra notável, que não abrange o campo técnico, foca apenas o Olimpismo moderno nos seus aspectos político-social, construtivo, histórico diplomático e regulamentar, traçando com brilho excepcional a sua evolução desde o seu renascimento, em 1894, até a regulamentação actual.

É uma edição do Comité Olímpico Português.

CINEMA

QUEM FOI O PIONEIRO DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA INGLESA

Francis William Baker

DIRECTOR-GERENTE

DA BUTCHER'S FILME SERVICE, Ltd.

Quando há uns 30 anos o Sr. Baker, acreditando no maravilhoso advento da sétima arte, produziu o seu primeiro filme, cujo nome já não nos ocorre, unicamente com os seus próprios recursos financeiros e a sua fé no futuro do cinema, ninguém acreditava no valor e perseverança que eram necessários para se fundar uma indústria exclusivamente cinematográfica.

Apesar de tudo, Baker, como verdadeiro inglês, na palavra e no espirito, não só continuava a produzir como distribuía também, as suas produções. E, não limitava a sua distribuição aos filmes da sua empresa! Como acreditava firmemente na produção britânica, comprava ou alugava os filmes dos outros produtores concorrentes e lançava-os através da sua organização que, a pouco e pouco, foi cobrindo todas as Ilhas Britânicas, até alcançar todo o Império.

Nunca aceitou as tentativas de contratos americanos, alguns deles excelentes, pois só desejava alargar a expansão do cinema inglês.

Da mesma maneira resistiu sempre às propostas de fusões, quer com firmas inglesas, quer com firmas de além-Atlântico. Havia traçado um caminho e queria segui-lo sem o menor desvio não lhe permitindo a sua maneira de ser, pedir ou receber favores.

Conservando-se sempre à cabeça da sua organização, o Sr. Baker, tudo vê e tudo controla desde a produção à secção de propaganda, nada o importunando os sucessos ou as infelidades dos seus concorrentes.

Com a sua proverbial flegma, o Sr. Baker governava a Butcher's Film Service, sem ambicionar a grandeza de que se rodeavam outras empresas que erigiam estúdios imponentes.

Apesar de tudo, mantinha a mesma linha de conduta, pois sabia que, a par e passo, alcançaria mais seguramente para a sua firma a opulência que os concorrentes tinham de início, mas que muitas vezes acabava em estrondosas falências.

Assim, o nome da «EMPIRE PICTURE», que data de há muitos anos, se foi consolidando como uma das mais importantes organizações produtoras independentes da Inglaterra. O seu estúdio em Wal-



ton-on-Thames, que se impõe, representa um monumento à perseverança, esforço pessoal e previsão, do pioneiro dos filmes ingleses, onde as produções britânicas, em espirito e em carácter, são tão inglesas, como ele próprio.

J. S. de Brito

ACTUALIDADES

Um filme sobre a guerra actual

Ao grande número de elementos técnicos de Hollywood, que têm partido para Inglaterra, há a acrescentar o nome do realizador Clarence Brown, que foi o encarregado de dirigir a filmagem de «Cargo of Innocence», cuja acção está enquadrada na guerra actual. O argumento, que gira em volta de um conflito da mais alta dramaticidade, foca a ausência de um navio de carga que transporta crianças refugiadas. O principal papel é desempenhado por Robert Donat, o protagonista de «Adeus, Mr. Chips».

Nomes verdadeiros

Os nossos leitores conhecem os verdadeiros nomes de alguns artistas famosos? Eis algumas revelações: George Brent chama-se George Nolan; Jack Benny — Benny Kubelsky; Marlene Dietrich — Mary Magdalene von Losch; Mischa Auer — Mischa Ouskawsky; Edward G. Robinson — Eddie Goldenberger; Brenda Marshall — Ardis Ankerson; Richard Arlen — Richard S. Van Maltimore; Al Jolson — Asa Yoelsen; John Barrymore — John Blythe.



A esbelta Cobina Wright, uma das melhores revelações do ano

O CINEMA INGLÊS
CONTINUA

BRILHANTE REALIDADE

A guerra, contra a expectativa de muitos, não afectou a indústria cinematográfica britânica. Pelo contrário, precipitou o seu desenvolvimento, como frequentes vezes temos demonstrado nestas colunas e de maneira a não admitir controvérsias... De facto, quem relancear os olhos pelos estúdios britânicos, analisar as reacções de todas as suas células de trabalho, auscultar o pensamento de cada um dos seus obreiros, ponderar nos quantitativos de produção que se atingem ou prestar atenção ao noticiário da Imprensa da especialidade fica convencido de que a necessidade de se bastar a si próprio e de satisfazer as exigências do mercado confinado às dimensões da sua metrópole é inspirada pela consciência duma falange de profissionais que não pode viver sem ligar a realidade pátria ao destino inamovível duma certeza, muito breve, de predomínio do filme britânico em todo o continente europeu... E' para isso que todos trabalham: artistas, realizadores e produtores. E' cedo ainda para se avaliar, em toda a extensão dos seus altos méritos, o quanto toda a comunidade britânica deve aos propulsores desta causa, criadora de uma nova mentalidade, que, em pouco mais de dois anos de incessantes hostilidades, não só divorciou o presente do passado como, ainda, sob o impulso de um mais ousado espírito de renovação, conseguiu acertar, dentro dos estúdios, o «mecanismo» que fazia accionar todas as suas células de trabalho.

E' extensa, por estes motivos, a lista dos filmes estranhos, concluídos e em realização. Na impossibilidade de nos referirmos a todos, citaremos os mais dignos de nota.

Cargo of Innocence: — Realização de Clarence Brown, com Robert Donat em protagonista de um conflito desenvolvido em volta da odisséia de um navio de carga que transporta crianças refugiadas.

Danny Boy: — Um filme de Oswald Mitchell, com Ann Todd, John Warwick, Grant Tyler, Wilfrid Lawson, Albert Whelan e Norah Gordon. A história, que decorre em Londres, durante a guerra actual, conta a odisséia de uma cantora que envia todos os esforços para descobrir o paradeiro do filho e do marido.

A Nation in Exile: — E' o terceiro filme dirigido pelo actor inglês Derryck de Merney e pelo realizador polaco Eugene Cekalski. O argumento foca a acção dos aviadores polacos prestando serviço na Royal Air Force.

Turned out Nice Again: Trata-se de uma nova realização de Marcel Varnel, de cujo elenco fazem parte George Formby, o «Fernandel inglês», Peggy Bryan, Elliot Mason, Mackenzie Ward, John Salew e Edward Chapman.

First of the Few: — Traça a biografia cinematográfica do engenheiro H. R. Mitchell, a quem se deve os planos de construção do célebre «caça» inglês «Spitfire».

O cinema inglês continua!

ANTÓNIO LOURENÇO



Fred Mac Murray, Alexis Smith e Errol Flynn, que vamos ver em «Dive Bombers», da Warner

MUNDO GRÁFICO



A
Marinha
de Guerra
Britânica,
sentinela
invencível
dos
mares